

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A RELIGIOSIDADE NA ESCOLA

Gabriela Abuhab Valente¹
Maria da Graça J. Setton²

Resumo: Este artigo relata uma pesquisa que visa identificar e analisar a presença/ausência da religiosidade na escola pública a partir da observação de estratégias e mecanismos de socialização difusos. Com base em estudos sobre religiosidade e socialização, verificou-se que a religiosidade está presente na escola de forma velada e naturalizada, mesmo quando não há oferecimento da disciplina Ensino Religioso. Para alcançar o escopo pretendido, procedeu-se um estudo de caso em uma escola pública municipal na cidade de Santo André/SP. Utilizou-se um arsenal de recursos metodológicos inspirados na metodologia etnográfica, dentre eles, a observação de campo, questionários e entrevistas semiestruturadas realizadas com professoras.

Palavras chave: religião; religiosidade; Brasil; escola pública; experiência etnográfica.

Abstract: This paper aims to describe a research which has the intention to identify and analyze the presence/absence of religiosity in a public school through observing diffuse strategies and mechanisms. The hypothesis that we work with is that religiosity is present in Brazilian public scholar institutions in a veiled and naturalized way, even when there is not the offer of the subject Religious Education. Therefore, a case study was done in a municipal public school in Santo André city. Many methodological resources were used inspired in the ethnographic methodology, such as field observation, survey and interviews with teachers.

Key words: religion; religiosity; Brazil; public school; ethnographic experience

INTRODUÇÃO A ASPECTOS TEMÁTICOS E TEÓRICOS

Este artigo traz um relato etnográfico bem como anuncia alguns achados de uma pesquisa ainda em curso. Por meio de um estudo de caso, em uma escola municipal da região metropolitana de São Paulo, buscou-se investigar aspectos difusos da socialização escolar, com o objetivo de identificar a presença e/ou ausência da religiosidade na escola pública.

¹ Aluna de mestrado no programa de pós-graduação da FEUSP. Graduação em Pedagogia na mesma instituição. Email: gabriela.valente@usp.br.

² Professora livre-docente da Faculdade de Educação da USP. Email: gracaset@usp.br.

Toma-se a noção de religiosidade como uma experiência pessoal e individual de espiritualidade, construída a partir de vivências anteriores em instituições religiosas e fora delas. Desta forma, ela se diferencia do conceito de religião. A religião, de caráter mais institucional, teria uma influência profunda na forma de organizar a existência humana, já que ela se afirma para além daquilo que é material, natural, concreto e finito. Como ensina Sanchis (2008, p.77) a religião é “cultura no superlativo”, pois pressupõe o absoluto e uma determinada ética.

Para os interesses do argumento, cumpre lembrar que é por meio da religião que se firma um entendimento e um relacionamento com o que é transcendente, imaterial, sobrenatural, abstrato, infinito. Desse modo, a articulação entre cultura e religião ocorre, sobretudo, a partir do momento em que uma sociedade passa a orientar boa parte de suas ações, e seu modo de vida, com base no entendimento estabelecido pelos preceitos religiosos.

Marcada permanentemente por todo tipo de disputas e conflitos, a história do envolvimento religioso constitui-se de tensões, rupturas e continuidades de sentido, sobretudo a partir da modernidade. Ou seja, uma série de mudanças institucionais e culturais nas religiões, que derivam não apenas do questionamento de seus dogmas fundantes, mas também de um intenso intercâmbio cultural aliado a outros fatores (políticos, sociais, econômicos), pode, tanto favorecer a coexistência e inspirar o sincretismo, quanto instaurar conflitos e impor a assimilação.

Por outro lado, a escola, como outras instituições socializadoras, constitui-se de um conjunto de valores culturais relativos a certo grupo social que determina a visão, o modo de ser e estar no mundo e, até mesmo, a própria identidade dos indivíduos a ela pertencentes. Em uma única expressão: a escola está impregnada de cultura. Socialmente constituída, organizada e transmitida, a cultura escolar conforma e confirma o universo de sentidos e significados que orienta a vida dos membros de toda uma sociedade.

Ainda que a escola seja por excelência o espaço de educação formal, nela também podem estar presentes outras estratégias e conteúdos educativos por conta da diversidade de metodologias utilizadas em sala de aula e das relações interpessoais que acontecem em seu ambiente. Neste sentido, buscam-se elementos que constituem a religiosidade na escola, ou seja, a religião em sua forma não institucionalizada, mas que está presente nos diferentes indivíduos e que pode atravessar a cultura escolar. Parte-se do pressuposto de que a presença da cultura escolar e as várias formas de expressão da religiosidade na escola podem caracterizar a transmissão de um conhecimento subjetivo de forma não intencional.

Os dados dos últimos censos e os debates teóricos de pesquisas sobre religião mostram que seguimentos da população brasileira estão à procura de religiosidades, mas não buscam uma religião institucionalizada. Para esses estudos, a experiência religiosa passa a se dar fora da instituição

religiosa de forma individualizada. A exegese desse espiritualismo do povo brasileiro, pode se dar por ser a religião um espaço socializador antigo e perene em nossa cultura, permitindo uma herança de sentidos que proporciona “produção, transmissão, negociação e apreensão de um conjunto de dispositivos, físicos, mentais e intelectuais responsáveis por parte da construção do mundo social” (SETTON, 2008, p.15).

Com o objetivo de conhecer e refletir sobre a presença/ausência da religiosidade na escola optou-se pela realização de um estudo de caso. A observação em uma instituição de ensino foi extensa, contou com entrevistas, questionário e diário de campo; o estudo buscou um olhar para a percepção dos aspectos difusos que fazem parte do processo de construção de disposições religiosas.

Optou-se também pela utilização de mais de uma técnica de coleta de dados³. Além da observação participante, que proporcionou a criação de um amplo banco de dados, com registros de campo feitos diariamente, utilizamos um questionário semiaberto, que foi respondido por quatorze pessoas, dentre elas, doze professoras⁴, bem como realizamos dezoito entrevistas semiestruturadas.

A escolha da unidade educacional não teve critérios estritamente delimitados. *A priori*, a instituição escolar deveria ser pública e oferecer o ensino fundamental, e os dois pré-requisitos foram preenchidos por uma escola municipal em Santo André. A partir de um contato anterior com a escola foi possível perceber o interesse da instituição em colaborar com o trabalho de pesquisa. Desde este momento, sabia-se que não havia na escola o oferecimento da disciplina Ensino Religioso, o que contribuiu para a realização do objetivo da pesquisa, a saber, o olhar sobre aspectos difusos da religiosidade na instituição escolar.

Foi acordado com o departamento de educação municipal que as observações ocorreriam duas vezes por semana. Todavia, a partir do momento em que se foi conquistando a confiança da equipe diretiva da escola e parcerias com as professoras foram estabelecidas, foi possível realizar o trabalho de pesquisa três vezes por semana, além de participar de reuniões semanais e mensais, entre outros eventos.

Uma justificativa plausível para a rápida construção do laço de confiança pode ser a juventude da pesquisadora presente no campo, aliado ao fato de a escola não estar acostumada com a recepção de pesquisadores. Desta forma, muitas professoras confundiam a função de pesquisadora com a função de estagiária ou estudante de Pedagogia. Embora tenha havido um esforço de nossa parte em tornar clara a diferença entre esses dois papéis,

³ Por ser a presença da religiosidade na escola um tema de ampla polêmica e recheado de disputas ideológicas.

⁴ Havia docentes do sexo masculino, mas como eram em número muito inferior à presença feminina na escola, optou-se por utilizar o substantivo no feminino, mesmo quando os homens estão inclusos.

mais de uma vez, a pesquisadora em campo foi apresentada como estagiária. Assim, algumas tarefas lhe foram delegadas e esta função foi, inclusive, institucionalizada no Projeto Político-Pedagógico de 2013, cujo quadro de funcionários da escola, traz a participação de uma estagiária.

Dentre algumas das tarefas “delegadas” à pesquisadora em campo estavam: preparar o pátio para a execução do hino nacional e municipal; organização e arrumação de espaços como sala de professores e depósito de livros; atendimento de telefonemas; serviços de gráfica; registro de chegada e saída das crianças (quando chegavam atrasadas ou saíam mais cedo); acompanhamento pedagógico de alunos com dificuldade de aprendizagem; e, ensaio das crianças para apresentações de dança em eventos abertos para a comunidade. Nenhuma destas atividades, no entanto, atrapalhou a coleta de dados e/ou o distanciamento investigativo necessário a uma objetiva apreensão dos dados.

A partir do momento em que foi permitida a nossa presença na escola-campo durante três dias por semana, combinou-se com a equipe diretiva que a pesquisadora ficaria um dia por semana na secretaria da escola, acompanhando os processos administrativos, e durante os outros dois dias, estaria em uma sala de aula. Durante o primeiro semestre de 2013, foi etnografada a sala de 5º ano do Ensino Fundamental I, que tinha por responsável a professora Raquel⁵. Sentindo a necessidade de conhecer outra prática pedagógica, acompanhamos durante o segundo semestre, a sala da professora Natália, na turma do 2º ano do Ensino Fundamental I.

Para um melhor aprofundamento da discussão acerca da presença/ausência da religiosidade na escola, a utilização de uma dimensão que incluisse o currículo oculto, bem como outras dimensões tácitas presentes na escola, fizeram-se necessárias. Para tanto se utilizou como referencial teórico a discussão sobre clima escolar.

É a partir da análise do clima escolar que se procura conhecer os fatores importantes do cotidiano vivido nas instituições escolares, em outras palavras, a história não documentada da escola. Estudos sobre o clima escolar procuram a exegese e a identificação das opiniões dos professores sobre a escola a partir das relações interpessoais, dos acontecimentos e das condições proporcionadas pelo ambiente em que trabalham, com o objetivo de impulsionar o engajamento dos professores e melhorar a qualidade geral do trabalho (COSTA, 2010).

Existe certo consenso entre pesquisadores de que o clima escolar aberto/positivo/participativo é fator relevante para conduzir a comunidade escolar ao tão desejado alto padrão de qualidade de ensino, eficácia, educação democrática e satisfação docente. No entanto, por ser esse clima pro-

⁵ Os nomes aqui utilizados são fictícios com o objetivo de manter o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

duto de um processo de construção, consolidação, melhoramento e aprimoramento, ou seja, em constante transformação e negociação, não é fácil analisá-lo de forma inerte, principalmente por haver constantes apropriações e objetivações de comportamentos e formas de experienciar a escola.

Em síntese, é possível definir o clima escolar como uma teoria que procura identificar as dinâmicas de trabalho dos professores e a qualidade da escola, sendo elas de suma importância para a eficácia da instituição. Embora o escopo desse estudo não seja a competência escolar, mas sim a história não documentada da escola, o clima escolar foi a noção utilizada para fundamentar a construção dos roteiros de observação, do questionário e da entrevista.

Por último, a noção de clima escolar foi fundamental na construção das técnicas de pesquisa. Além de dados relativos à presença da religiosidade na escola pública, também foram construídos dados gerais sobre a escola, que tiveram função essencial para o entendimento das configurações nas quais os elementos religiosos estiveram presentes. No próximo item serão apresentados alguns dos dados construídos a partir do clima escolar com o olhar focalizado na questão da religiosidade.

○ TRABALHO DE CAMPO: BREVE ANÁLISE

A escola-campo oferece Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. Pensou-se em focar apenas no ensino fundamental, contudo, o fato de ser uma escola pequena e de todas as professoras se mostrarem receptivas à pesquisa, todo corpo docente teve sua voz no estudo. No momento da pesquisa, a escola atendia doze turmas, seis em cada período. Três turmas eram de Educação Infantil, sendo duas delas no período vespertino. As turmas restantes compunham o Ensino Fundamental I, ciclo inicial e final. Eram cinco salas no período matutino e quatro salas no período vespertino. Havia apenas uma turma de 5º ano no período da manhã.

Observação do campo

Ainda que muito se fale da presença explícita de elementos religiosos em ambiente públicos, não foram encontrados crucifixos, bíblias ou símbolos de crenças cristãs na escola pesquisada. Surpreendidas, no primeiro momento, com esta constatação, sentimos a necessidade de um olhar mais atento e cuidadoso para o que estava difuso, velado, e também naturalizado naquele espaço. Sendo assim, algumas percepções e exemplos serão apresentados a seguir de forma a concretizar as situações vivenciadas.

Por exemplo, todas as salas de aula da escola-campo possuem as letras do alfabeto com desenhos de objetos cujos nomes são iniciados com aquela letra. Decerto um artifício didático comum. Contudo, para o escopo

de nossa discussão é significativo que a letra “i” tivesse como representação o desenho de uma igreja, nos moldes da Igreja Católica, com uma torre alta no centro e um crucifixo. Compreende-se que a representação gráfica, por ser uma forma de linguagem, cumpre uma função importante para o entendimento que a criança fará do mundo. Lembrando estudiosos da área, sabe-se também que é na dialética entre incorporação, exteriorização e objetivação de símbolos que se constrói uma visão de mundo (BERGER e BERGER, 1980, p. 196). Neste sentido, os desenhos expostos na parede tem uma representação significativa que auxilia o aluno na compreensão de uma realidade social e de si mesmo (BERGER e LUCKMANN, 1983, p. 55).

É interessante notar, neste caso, que a figura da igreja é objetivada como uma Igreja Católica que traz em seu topo um crucifixo. Acredita-se que outros objetos poderiam estar ali para fazer a associação alfabética com a letra “i”, como inseto, ilha, iglu e/ou iguana, e dissociar uma imagem tão carregada de significado religioso como a Igreja Católica. Todavia, a escolha desse símbolo parece ser um indício da naturalização de signos religiosos em nosso imaginário social.

Um segundo exemplo que podemos observar são as festividades durante o ano letivo. Durante algumas delas os murais e as dependências da escola-campo foram enfeitados com diversos adereços típicos da ocasião. No caso da celebração da Páscoa, a mensagem no mural dizia: “Páscoa significa ressurreição, renascimento. Que o amor, a esperança por dias melhores renasça em nossos corações. Feliz Páscoa!”

A palavra ressurreição, ainda que relacionada ao imaginário do renascimento de Jesus Cristo, não mereceu ali muitas explicações. Ao contrário, o foco principal da mensagem era o renascimento de dias melhores e da esperança. Renascimento e ressurreição, naquele contexto, eram sinônimos. Para os interesses desta discussão é sugestivo que a mensagem tente fugir de seu conteúdo religioso, embora se utilize de uma data religiosa para fazê-lo.

Dois outros exemplos poderiam ser mencionados. Trata-se das Festas Juninas e das comemorações do Natal. Embora possamos argumentar que atualmente ambas perderam seu caráter eminentemente religioso, é notório que as duas remetem a uma herança de cultura cristã. Tanto a primeira, de natureza mais folclórica, quanto o Natal, que se destaca sobretudo por seu caráter de confraternização, é notável que ambas as datas façam parte do calendário escolar. Contudo, vale lembrar que em nenhuma dessas ocasiões foi observada a presença de símbolos religiosos.

Portanto, podemos afirmar que a religião institucionalizada não se apresenta de forma explícita, mas deixa espaço para a emergência de aspectos difusos de uma religiosidade presente na cultura brasileira, incorporada subliminarmente por seus agentes. Em outras palavras, uma tradição de fundo religioso se mantém nos ambientes escolares de forma naturaliza-

da, evidente, sem ser questionada, garantindo seu lugar travestida de cultura folclórica ou humanista.

Corpo discente

No que concerne à religiosidade das crianças, foi possível ter acesso às fichas dos alunos, preenchidas pelos pais no início do ano. Nessas fichas, que não é a de matrícula e que fica em posse das professoras, constam alguns dados da criança, por exemplo, se ela é possuidora de seguro saúde, endereço e telefones residenciais, nome dos pais, quem está autorizado a buscá-la na escola, religião, entre outros.

É possível perceber que, das turmas observadas, a do segundo ano era mais heterogênea quando se tratava de religião. Embora as duas turmas possuíssem alunos de vários credos (católicos, cristãos, evangélicos, espíritas, kardecistas, sem religião), na sala do segundo ano havia alunos que se declararam adeptos da denominação Testemunha de Jeová, Assembleia de Deus e Protestante. Assim, é possível dizer que os grupos religiosos com maior representação nas fichas pesquisadas (51 fichas) são: católicos (22 alunos), evangélicos de diferentes denominações (12 alunos) e, em número menor, espíritas entre kardecistas e não especificados (7 alunos).

O imaginário religioso das crianças não foi observado somente através deste documento, mas também em suas falas, como “Deus me livre”, e ações como o sinal da cruz, por exemplo (Diário de campo, 17 de maio de 2013). Na sala das crianças mais velhas, expressões de linguagem acompanhadas de gestos eram observadas regularmente, embora aparecessem em menor frequência do que na sala do segundo ano. Além das falas acompanhadas de gestos, as crianças mais novas traziam outros elementos de sua religiosidade para dentro da escola. Entre eles, objetos como: pingentes com crucifixos, bíblia para crianças, frases bíblicas escritas por parentes e, até mesmo, um crucifixo de papel de confecção própria para a utilização naquele tempo e espaço.

No nosso entendimento, essa diferenciação entre as duas turmas ocorre também por conta da professora responsável por cada classe. Enquanto a professora Raquel (presbiteriana), do 5º ano, era mais reservada e não utilizava expressões de cunho religioso em sala de aula, Natália (católica), do 2º ano, além de apelar para divindades em momentos difíceis, também utilizava pingentes com símbolos religiosos, principalmente com a imagem de Nossa Senhora.

Assim, podemos nos aventurar a dizer que os elementos religiosos estavam mais presentes nas crianças da turma do segundo ano, pois se trata de uma idade em que aspectos provenientes de uma identidade religiosa estão em construção. Soma-se a isso, como já observado, o fato de essas mesmas crianças estarem expostas ao constante uso de expressões de linguagem da professora com forte carga religiosa.

Um dos objetos mais intrigantes para nós foi uma Bíblia. No primeiro dia de observação na sala do segundo ano, também primeiro dia do segundo semestre, 31 de julho de 2013, Paula Fernandes⁶, antes mesmo de dizer seu nome, nos oferece uma Bíblia infantil com um terço dentro. Com interesse, perguntamos quem havia lhe dado a Bíblia e quais usos fazia do objeto. O livro fora presente da avó e Paula Fernandes o levava à escola para mostrá-lo aos colegas e à professora. Relatara ainda que diariamente a lê em casa (Diário de campo em 31 de julho de 2013).

O gesto da criança católica chama a atenção, é como se ela estivesse nos entregando seu cartão de visitas, expondo de imediato aquilo que parece ser parte de sua identidade, até mais que seu nome. Foi também uma forma de iniciar a construção de um laço social por meio deste objeto que, aparentemente, na visão da menina, suscitaria cumprimentos e elogios no ambiente escolar. Ou seja, foi a maneira encontrada pela garota de se sentir acolhida/reconhecida por suas escolhas na esfera religiosa. Por certo, uma sensibilidade potencializada pelas expressões e práticas de sua professora. (BOURDIEU, 2007, p.201) A busca de um reconhecimento na relação entre professor-aluno também se dá em outro caso relatado pela professora:

Natália: Que nem outro dia, o Luis Fabiano foi para Nossa Senhora Aparecida, até me trouxe um chaveiro, com o meu nome, de Nossa Senhora Aparecida, porque sabe que eu gosto. Então alguns falam fatos isolados assim, de ir no (sic) culto, que participou de coral, dança, peça teatral, essas coisas assim, não mais do que isso. (Entrevista em 29 de novembro de 2013)

Nesses dois últimos casos, em que o reconhecimento surge como um dos elementos necessários para a socialização tem-se que, por vezes, ele é atravessado por elementos religiosos que tangem a religiosidade tanto do professor como do aluno. Pode-se imaginar que apenas aqueles alunos que possuem as mesmas crenças que suas respectivas professoras podem se aproximar de seu adulto-significativo por meio da religião, enquanto os outros precisam procurar outras estratégias para a construção e solidificação do laço social.

Por fim, ainda no tocante à dimensão religiosa no universo infantil, lembramos a ocasião da exibição do filme “João, Maria e os Caçadores de Bruxas”. O fato de haver uma criança que tinha medo de bruxas, fez com que sua colega, em um ato de solidariedade, desenhasse e cortasse para a primeira um crucifixo. A função do crucifixo de papel seria a de protegê-las durante o filme (Diário de campo em 06 de setembro de 2013).

⁶ Todos os nomes de crianças citados neste trabalho são fictícios, escolhidos pelas próprias crianças.

Corpo docente e equipe gestora

No que concerne à religião das professoras da escola-campo, todas se denominam cristãs, sendo três delas evangélicas protestantes de denominações diferentes (metodista, batista e presbiteriana) e um professor espírita. Dentre as dezoito professoras que fizeram parte do quadro da pesquisa, treze apontam para apenas uma religião, enquanto cinco apontam para uma religião com elementos de uma segunda crença. Em quatro casos, as relações sincréticas são entre catolicismo e espiritismo e, num outro, entre catolicismo e seicho-no-iê.

Algumas das professoras falavam sobre suas religiões de forma aberta, inclusive abordando assuntos polêmicos como o aborto e o uso de anticoncepcionais, em rodinhas de três ou quatro. Cada uma delas divulgava a sua doutrina religiosa e também expunha a sua opinião, nem sempre condizente com a religião que professava.

A despeito da religiosidade das professoras pertencentes à equipe diretiva, e que estavam diariamente presentes na escola, foi possível perceber que duas delas utilizavam pingentes com símbolos religiosos com certa frequência. Ademais, a marca religiosa também estava presente em momentos diversos do cotidiano. Por exemplo, foi observado um crucifixo pendurado no retrovisor do carro da diretora da unidade escolar; identificamos um livro de Salmos aberto em uma gaveta de uso comum na secretaria, mas cuja principal responsável era a vice-diretora.

Embora essas evidências de religiosidade da equipe diretiva estejam presentes em âmbitos privados, no corpo, no carro e na gaveta, talvez seja possível refletir sobre o atravessamento desses elementos simbólicos entre os dois círculos, com sua conseqüente apropriação em âmbito público. Entre essas duas esferas há pontos de intersecção. Para este estudo, destaca-se a possibilidade de haver uma maior influência dessas profissionais no estabelecimento do clima escolar, por elas ocuparem cargos elevados na instituição, como foi observado nas reuniões de trabalho. Era delas a última palavra nas questões pendentes do trabalho pedagógico.

Algumas outras práticas pedagógicas observadas derivam ainda da religiosidade imanente das professoras; dentre elas, a leitura de livros infantis. A escolha de um livro não é arbitrária, uma vez que eles trazem mensagens e símbolos que podem ou não corresponder ao universo simbólico da professora.

A professora Raquel, presbiteriana, todos os dias, lia para sua turma um livro de sua escolha. Na última semana de março de 2013, o livro escolhido foi *Ludi vai à praia*, de Luciana Sandroni. Segundo a professora, a escolha ocorreu a partir da recomendação de uma revista especializada para docentes. No entanto, como não havia lido a história inteira antes de

iniciá-la com as crianças, um dia antes de ler o final da história percebeu que a grande heroína da história era Iemanjá⁷. Este fato fez com que ela mudasse o rumo da atividade e, ao invés de contar o final da história, pediu que as crianças inventassem um fim, fugindo assim da apresentação de um elemento de ordem religiosa.

Quando questionada sobre o motivo da mudança de percurso pedagógico, tempos depois da atividade, a professora relatou que no final do livro “tinha umas coisas meio estranhas, de macumba” (Diário de campo, 27 de junho de 2013). Surpresas com a resposta da professora, foi possível apreender uma explícita depreciação de símbolos advindos de religiões de matriz afro-brasileira. Esse exemplo identifica de maneira velada a influência de valores religiosos dos professores na escolha de uma atividade pedagógica. Ou seja, a seleção de certos livros revela não só os princípios pessoais das professoras, como também suas percepções sobre qual cidadão se quer formar na escola. Neste caso, os valores religiosos ficam evidentes, já que eles têm forte influência na seleção do material didático.

Por fim, além dessas práticas que ocorriam na interação professor-aluno, lembramos que na ocasião da festa de encerramento/formatura do 5º ano, quando os pais estavam presentes, abriu-se espaço para que a professora Raquel, professora da turma, dirigisse uma última mensagem ao grupo. A mensagem da professora foi iniciada com um texto retirado do Velho Testamento (Eclesiastes 3: 1-8) sobre o tempo. Esse fato evidencia, de outra forma, o impacto que a prática religiosa da professora presbiteriana tem na sua forma de ver o mundo e de conduzir suas ações profissionais na instituição de ensino.

Dados sobre o Questionário

Por meio do questionário foi possível ampliar o conhecimento sobre as identidades religiosas dos respondentes. Apenas para a Assistente de Inclusão Escolar, a religião tem pouca importância em sua vida. Para todos os outros pesquisados, o papel da religião é crucial.

Essa ferramenta metodológica também deu oportunidade para que se observasse o trânsito e o sincretismo religioso presentes na escola-campo, confirmando a afirmação de estudiosos brasileiros.

Caberia afirmar ainda, a partir das informações do censo e das ideias expostas pelos teóricos, que é os brasileiros estão à procura de sua religiosidade, mas não buscam uma religião institucionalizada. Isto nos parece, em razão de os sentimentos do indivíduo e sua experiência pessoal serem mais influentes e valorizados em sua construção identitária e de seu conjunto de crenças,

⁷ Divindade presente nas crenças de origem afro-brasileira.

do que aquilo que é aprendido nas instituições. Isto é, a experiência religiosa passa a se dar fora da instituição religiosa, de forma individualizada.

Em síntese, a literatura consultada (SANCHIS, 2008, 2001; BIRMAN, 2001; PRANDI, 1997, 2008; PIERUCCI, 2008;) aponta para o indubitável trânsito religioso no país, sobretudo nas últimas décadas, demonstrando uma tendência que confirma a continuidade de hibridismos religiosos e mudanças de filiações religiosas, sem que o brasileiro deixe de perder seu espírito místico, espiritual e/ou religioso.

Nesse sentido, é a partir da articulação de elementos de várias religiões durante suas trajetórias individuais, que as pessoas têm a possibilidade de construir as próprias crenças e religiosidades. Mais uma vez, é importante ressaltar que essa liberdade de escolha não acontece sem conflitos. Por vezes, é preciso negociar com a instituição familiar adepta de uma doutrina específica, ou com instituições religiosas em busca de fiéis devotos e disciplinados.

O sincretismo religioso pôde ser evidenciado nesta pesquisa, a partir das respostas dos pesquisados às perguntas que versam sobre a crença em diversos símbolos religiosos, como anjos, Virgem Maria, demônio, reencarnação, entidades/orixás, entre outros. A correspondência exata entre a religião declarada e a crença em elementos que dizem respeito apenas àquela religião pôde ser encontrada em apenas um questionário, o da professora pertencente à Igreja Presbiteriana. Os outros são exemplos do hibridismo religioso: têm-se católicos que acreditam em reencarnação ou vidas passadas, espírita que não acredita em santo, católicos que não creem em demônios e católicos que consideram as previsões de futuro.

Segundo a análise dos dados obtidos por meio do questionário entre as professoras, não existe o costume de frequentar outras cerimônias religiosas que não aquelas atreladas à religião declarada. No entanto, no momento das entrevistas, muitas delas comentaram que já havia estado em outros templos religiosos. O exemplo mais comum é o de professoras católicas que estiveram em centros espíritas kardecistas (para fazer tratamento espiritual) e em igrejas evangélicas (à convite de membros da família estendida).

Partindo das opiniões coletadas pelos questionários, é notável e intenso o trânsito religioso dos membros da escola-campo, o que corrobora o entendimento da cultura do povo brasileiro como sendo religiosa e mística.

Perguntadas sobre a presença da religiosidade na escola, observamos algumas controvérsias: nove professoras não identificaram elementos religiosos no cotidiano escolar. Por outro lado, cinco delas afirmaram a existência de elementos religiosos, tais como as “comemorações históricas” ou “Festa junina” (citação da vice-diretora); duas respostas fizeram referência aos elementos religiosos trazidos pelos agentes escolares, sendo que em uma delas acrescentou-se “traços dos professores” e, por fim, a última resposta afirmativa elenca elementos como: “crença, fé, respeito, história...”.

Dentre estas respostas, o elemento religioso presente na escola mais citado é a Festa Junina (duas vezes), talvez pela proximidade com a data. Esses dados mostram que, embora um número significativo de agentes escolares não veja elementos religiosos pulverizados na escola, alguns deles percebem sua existência neste ambiente. Notadamente, a naturalização de elementos religiosos sinaliza uma invisibilidade por parte das professoras do poder que se exerce sobre as crenças religiosas das crianças. Fato destacado em outras pesquisas sobre o tema (CAPITANO, 2014, p.80) e averiguado também em algumas entrevistas:

Elena - Se os pais não permitem e não vão trazer as crianças no dia da dança [da festa junina] não adianta. Mas o que eu tenho observado é que durante os ensaios, muitas crianças que, [risos], a mãe não deixa, diz que eles não dançam porque a religião não permite... ah... requebram à beça, adoram! Quer dizer, soltam a franga na hora que está aqui comigo dançando... só que aí chega no dia e a criança não comparece, porque a família não permite. (Entrevista piloto em 07 de maio de 2013)

Natália - Mas você vê que a criança não tem isso ainda inserido nela, que para ela ainda, como está em formação, para ela não faz... não tem problema, não tem problema. A gente vê isso porque acontece que nem em outras comemorações juninas, “ah, não é para dançar, não pode ensaiar” [fala simulando um pai], a criança é a primeira a ficar pulando lá. Então quer dizer, a criança não tem isso formado ainda, na verdade a família está *bombardando* essa criança para que ela acredite no que a mãe e o pai acreditam. Então ela não tem isso ainda formado dentro nela. Então para ela dançar, fazer uma oração, ainda não é: “isso vai me fazer mal”, entendeu, “não vou agredir o que eu acredito”. Agora, para a mãe já é. (Entrevista em 29 de novembro de 2013 – grifos nossos)

Nesta segunda fala, percebemos que a professora Natália relata que as famílias “atacam” as crianças com informações religiosas, mas não tem a mesma percepção no tocante a escola. Na opinião de algumas professoras, porém, a festa junina, naturalizada como está, não seria uma forma de agredir a escolha da criança e da família.

Dados sobre as Entrevistas

As entrevistas realizadas com as professoras complementam os dados sobre a dimensão da religiosidade em suas vidas apresentando algumas contradições. Ela percebia uma intensa e diversa religiosidade no Brasil baseada no Cristianismo, com a emergência de novas igrejas e denominações evangélicas. Todavia, na visão delas, não há problema que o conteúdo base das religiões cristãs esteja presente nas escolas, pois, pela diversidade que elas identificam, todas as religiões levam a um mesmo fim.

Consequentemente, as religiões de matriz afro-brasileiras e as religiões não cristãs teriam um espaço secundário na sociedade brasileira, e não precisariam ser contempladas, segundo elas. Não obstante, num aparente paradoxo, é consenso entre as entrevistadas que falta religiosidade na famí-

lia e no povo brasileiro em geral. Nesse sentido, destacam o caráter de grande importância que a religiosidade teria para a pessoa e para a comunidade. Segundo elas, o comportamento de uma pessoa, sua fé e a bondade seriam as principais características de uma pessoa religiosa.

Constatou-se, por meio das entrevistas, que algumas professoras já tinham parado para pensar no assunto e outras não. Aquelas que se enquadraram nessa última categoria tinham mais dificuldade de expressar suas ideias em palavras, gaguejavam e muitas vezes diziam que não sabiam responder, pedindo para passar para as próximas perguntas. As três professoras que possuíam maior clareza com relação à religiosidade eram evangélicas, sendo elas evangélicas de missão, nas denominações presbiteriana, batista e metodista. Suas ideias eram concisas e, por vezes, era possível captar reproduções de uma visão de mundo da instituição religiosa à qual pertenciam.

Embora algumas professoras citassem as religiões afro-brasileiras, poucas delas parecem ter conhecimento sobre seus ritos e cultos religiosos. São opiniões superficiais de experiências rápidas, remotas e longínquas, geralmente na infância e com o objetivo de conhecer, participar de algo que alguma outra pessoa de sua família era membro. Ou então, opiniões formadas pelo senso comum ou da igreja em que participam. Percebeu-se na fala de algumas professoras certa hierarquização das religiões, sendo evangélicos e católicos supercitados, espíritas e o candomblé, associados à Bahia. As outras religiões minoritárias não possuem vez na fala das professoras.

Por fim, a religiosidade foi identificada, no interior da escola, como uma necessidade individual das profissionais. Explicando melhor, em suas percepções, o transcendente garante algum alívio e força espiritual para dar continuidade às suas tarefas profissionais e cotidianas. Em várias ocasiões, especialmente quando precisavam lidar com a “falta de limites” ou com a falta de valores morais dos alunos, o uso de expressões religiosas ou a própria figura dos santos e outras divindades eram lembradas nos momentos de queixas, dúvidas ou críticas sobre a prática docente. Em síntese, é possível afirmar que a necessidade da religiosidade se tornava mais presente no momento de solidão institucional, profissional e pedagógica vivenciada por elas.

Ao que parece, o espaço existente para discussões pedagógicas e formação continuada de professores na escola-campo, não foram momentos privilegiados para debates profissionais. As reuniões de professores eram, em sua maioria, tomadas por discussão de informes burocráticos e organizacionais. Observamos que a escola-campo não se crê motivada e capaz de identificar e solucionar seus problemas de ordem pedagógica, apelando para outra esfera do conhecimento, a saber, a religiosidade, por certo, para balizar, interpretar e atenuar seus conflitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religiosidade faz parte da totalidade do indivíduo; é um elemento simbólico interiorizado. Ela não é vista como uma vestimenta que se põe e tira quando necessário. É comum que ela faça parte das experiências mais profundas do indivíduo, de modo que este nem sempre nota como ela se opera a partir de pontos de vistas religiosos. Isto é, a religiosidade é naturalizada pelo indivíduo na atuação docente, porque o educador é um só sujeito profissional, um só sujeito religioso, integrando-se as duas dimensões em um único modo de ser, pensar e agir.

Por conseguinte, a religiosidade das professoras e das crianças faz parte do clima escolar, conceito que permite pensar a dimensão das relações sociais e do currículo oculto. Ou seja, na escola-campo, este clima foi verificado como possibilitador de trocas religiosas (entre professoras e alunos), colaborador no embate velado sobre alguns valores religiosos entre as professoras e facilitador da abertura de um espaço para que a religiosidade esteja presente, por conta da identidade pessoal e profissional desses agentes.

O trabalho de campo foi revelador e impôs outro olhar sobre a realidade da escola-campo. Pode-se afirmar que a tão almejada observação do clima escolar não se apresenta como nos livros. O clima escolar não é uma realidade objetiva e materializada, mas uma realidade que precisa ser desvelada pelo pesquisador a partir de seus instrumentos teóricos e metodológicos. Ainda sobre o clima escolar, essa noção foi utilizada para além de uma inspiração. Foi possível refletir sobre outros elementos presentes na escola, para além da questão democrática e da eficácia da instituição, como sugere a literatura (BRUNET, 1995; COSTA, 2010). De fato, analisando a interação entre as professoras, a falta de um suporte institucional e a ausência de debates pedagógicos, o clima escolar seria caracterizado como fechado, possuidor de características autoritárias. No entanto, as professoras são minimamente consultadas para a tomada de decisões, o que caracterizaria um clima aberto consultivo.

Por outro lado, no tocante à religião, a escola-campo não se enquadra totalmente em uma categoria de clima escolar, como apontado pela bibliografia consultada. Pode-se justificar tal fato pela busca de uma dimensão do clima escolar que estava velada e naturalizada, portanto, uma dimensão extensa que abrange e envolve relações interpessoais, crenças dos indivíduos e currículo oculto.

Se a hipótese inicial da pesquisa foi comprovada, ou seja, a religiosidade estava presente no ambiente escolar, mesmo sem o oferecimento da disciplina Ensino Religioso, ela não se apresentava da forma como se supunha. Pelo contrário, a religiosidade apareceu na escola de forma ainda mais difusa e ainda mais subliminar. Neste sentido, a ausência de símbolos religiosos explícitos é o que chama a atenção. Em outras palavras, é a ausência

que permite o questionamento e a problematização, fazendo-se necessário um refinamento no olhar para o que está difuso. Ou seja, a ausência, por vezes, não é real, uma vez que ela procura dissimular aquilo que está presente de forma insidiosa e velada, como na mensagem da páscoa, nas falas das professoras e na representação da letra “i” indicando a figura de uma Igreja Católica.

É certo que durante os meses de permanência na escola foi possível observar expressões de linguagem de cunho religioso, acessórios como colares com pingentes de símbolos cristãos e celebrações de festividades do folclore brasileiro, todas baseadas em elementos de uma cultura religiosa. Contudo, é preciso salientar que não havia crucifixos na sala da direção, nem uma Bíblia exposta nas mesas da secretaria.

Por outro lado, observaram-se outras evidências. Consideramos que as expressões de linguagem utilizadas pelas professoras eram expressões utilizadas não apenas por pessoas de determinada religiosidade, mas por uma vasta gama da população brasileira, religiosa ou não. Na mesma linha de raciocínio, os acessórios corporais identificados também não foram tão expressivos e frequentes como se imaginava. Por fim, as celebrações de origem religiosa, momentos privilegiados de interação coletiva, apresentaram mais elementos tradicionais da cultura católica do que elementos religiosos. Três aspectos que autores já evidenciaram ser um “patrimônio cultural imaterial de origem católica” (PRANDI, 2008, p.165), e que incorporados pela cultura brasileira, seriam católicos em sua origem cultural, mas não católicos em sua religiosidade.

Mas onde se encontra a religiosidade na escola? Segundo as observações do campo foi possível depreender que são os agentes sociais presentes na instituição que carregam suas experiências religiosas para dentro da instituição. Pôde-se perceber uma recorrência maior da exposição das vivências religiosas das professoras (se comparadas aos alunos), principalmente pelo fato de elas possuírem uma maior autoridade nesse espaço; essas vivências são salientes, ainda que não quantificáveis a olho nu.

Em nossa visão, a dificuldade de enfrentamento da realidade profissional, bem como os obstáculos que precisam ser vencidos para que ocorra alguma mudança nas condições de trabalho, faz com que elas busquem em suas experiências culturais (e também religiosas) e em suas vivências escolares (como docente ou aluna) estratégias individuais de ação.

Tudo leva a crer que a religiosidade, além de ser tida como instrumento comum para o fortalecimento das práticas das docentes, é também uma estratégia que se encontra disponível, preenchendo uma lacuna institucional. Uma vez que a religião adentra a escola de maneiras legitimadas (leis e decretos) e também de condutas difusas/desviantes (troca de favores e em nome dos laços sociais) (CUNHA, 2013, p.938), esta se aloca de modo insidioso como forma de sanar questões de natureza secular. Cons-

tata-se assim um uso pedagógico do religioso, dado também averiguado por Capitano (2014, p. 68,69) e por Cavaliere (2006, s.p.).

Assim sendo, por meio da observação participante, foi possível constatar que a escola mostrou-se um ambiente no qual seus agentes são possuidores de uma cultura que converge para a religiosidade, ou seja, um espaço que potencializa a religião dos docentes, diante de um vazio institucional. Essa falta de suporte pedagógico institucional abriria espaço para qualquer elemento que poderia supri-lo. A religião não institucionalizada se apresenta como uma alternativa.

Nesse sentido, as crenças oficiais que ocupam uma posição superior na hierarquia social das religiões possuem mais recursos para que sua presença se faça sentir na escola. Neste caso, a religião cristã, possuidora majoritária de membros na sociedade brasileira, é quem exerce este papel. Dado corroborado por Andrade ao concluir que, na maioria das vezes, os casos de intolerância religiosa envolve o confronto entre o cristianismo e as demais religiões (2014, p. 06).

Para finalizar, afirmamos que é preciso reconhecer o quanto é importante a luta em favor da garantia do direito à laicidade na escola, uma vez que as denominações religiosas com mais força social são possuidoras de recursos e estratégias para impor, de diversas formas (pressão política, Ensino Religioso, entre outras), sua entrada na escola. Estando a religião perene presente na escola, é preciso pensar em uma educação intercultural que proporcione momentos de reflexão e que corresponda à divulgação da tolerância como forma de se relacionar com o outro (ANDRADE, 2010, p.123, 2014, p. 14), como meio de garantir que o vazio institucional não seja preenchido pela religião, mas por valores morais e pela reflexão.

Posto isso, constata-se um clima escolar aberto à religiosidade, clima esse que não possui estrutura sólida ou que ofereça apoio pedagógico, emocional e moral aos seus agentes. Desta forma, consideramos que a pesquisa atenta para a força da religiosidade como suporte institucional, cuja presença na escola é tão evidente, ocupando o espaço em detrimento de um pensamento secular. Neste sentido, consideramos que essas notas etnográficas constatarem não só a presença da religiosidade na escola, mas verificou sobretudo a sua presença enquanto necessidade por parte das docentes; instaura-se pois, um conflito entre o apoio (ou suporte institucional oferecido pela religiosidade) e um corpo de saberes científicos e seculares que não alcança o chão da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Marcelo. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. *Revista Brasileira de Educação*. Vol. 15, n. 43, jan/abr, 2010.
- _____. A religião entra na escola. Por quê? Como? Ocupando qual lugar? Texto apresentado no IV Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação. Portugal. Junho, 2014.
- BERGER, Brigitte & BERGER, Peter. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, Marialice & MARTINS, José de Souza, *Sociologia e Sociedade*, Editora Livros Técnicos e Científicos S.A., 1980.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas, “A sociedade como realidade subjetiva”. In *A construção social da realidade*. Ed. Vozes. Petrópolis, 1983.
- BIRMAN, Patricia. Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, P (org.). *Fiéis e Cidadãos – Percursos de Sincretismo no Brasil*. Editora UERJ. Rio de Janeiro, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Violência simbólica e lutas políticas. In: *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRUNET, Luc. Clima de trabalho e eficácia da escola. In: NÓVOA, A. *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- CAPITANO, Ana Maria. *Gênero e crenças religiosas: sentidos da docência entre professoras do ensino fundamental I*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2014.
- CAVALIERE, Ana Maria. Quando o Estado pede socorro à religião. *Revista Contemporânea de Educação*. Faculdade de Educação da UFRJ. Vol.1, n. 2, 2006.
- COSTA, Andreia Fonseca L. *Clima escolar e participação docente: a percepção dos professores de diferentes ciclos de ensino*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2010.
- CUNHA, Luiz A. O sistema nacional de educação e o Ensino Religioso nas escolas públicas. *Educação & Sociedade*. Vol. 34, n. 124. Jul-Set. 2013.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. De olho na modernidade religiosa. *Revista Tempo Social*. Vol. 20, n. 2, novembro de 2008.
- PRANDI, Reginaldo. Introdução: As religiões no Brasil Contemporâneo. In: PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do espírito*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1997.
- _____. Converter indivíduos, mudar culturas. *Revista Tempo Social*. Vol. 20, n. 2, novembro de 2008.
- SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, P (org.). *Fiéis e Cidadãos: Percursos de Sincretismo no Brasil*. Editora UERJ. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *Cultura Brasileira e Religião... Passado e Atualidade... Cadernos CERU*. Vol. 19, n. 2, São Paulo, Dezembro de 2008.
- SETTON, Maria da Graça J. As religiões como agentes da socialização. *Cadernos CERU*, série 2, Vol. 19, n. 2, dezembro de 2008.

